

presença

Fôlha de Arte e Crítica , N.º 9
Coimbra, 9 de Fevereiro de 1928

m
a
d
e
i
r
a
d
e



j
o
c
a
r
l
o
s

LITERATURA LI VRESCA E LITE RATURA VIVA

Breve ■ introdu-
ção, ■ ou ■ a ■
Literatura, ■ as
■ Artes, ■ e ■
■ a ■ Arte ■

Fala-se — e porque não?, em literatura jurídica, em literatura médica, em literatura teosófica, etc. Ora antes de tudo, precisamos assentar nisto: Se a palavra *literatura* pode ter vários sentidos — sempre que a empregarmos referindo-nos à faculdade de um Artista se exprimir por meio da palavra escrita, só tem um sentido: Literatura é pura e simplesmente um meio de expressão artística — como a pintura, a escultura, o cinema, a dança, a arquitectura, a música. E se cada uma das Artes tem a sua técnica e os seus pontos de vista próprios, a verdade é que todas partem do mesmo instinto e do mesmo dom: O instinto, o dom que todos os homens possuem (mas que só os Artistas conseguem exteriorizar poderosamente) de re-criar o mundo através da sua própria individualidade. A Arte é uma,

a Ciência é uma, as Artes são muitas, as Ciências são muitas. Já houve quem ao fundo comum a todas as Artes chamasse Poesia. Mas quer se tente discriminar as Artes ao ponto de se falar hoje em cinema puro, em poesia pura, em pintura pura; quer se reviva o grande e belo sonho da fusão das Artes — o certo é que a discriminação é impossível, a fusão é impossível, mas a emoção que nos produz um belo quadro é idêntica à duma bela estátua, dum belo livro, dum belo film, duma sinfonia, ou dum bailado. A finalidade da Arte é apenas produzir-nos esta emoção tão particular, tão misteriosa, e talvez tão complexa: a emoção estética. E todas as Artes a procuram produzir pelos meios de que dispõem. Essa emoção estética — experimentamo-la quando o Artista consegue des-

Continuação ■ e ■ desenvolvimento. Aquilino ■ Ribeiro ■ e ■ Raul ■ Brandão. A ■ Arte ■ pela ■ Arte, ■ ou ■ a ■ Literatura ■ artística, ■ e ■ as ■ lunetas ■ dos ■ nossos ■ críticos

Do parágrafo anterior, fixarei duas afirmações: A literatura é Arte como a pintura, a dança, a música, etc. A Arte é uma re-criação individual do mundo. A primeira afirmação parece tão banal, que não parece à primeira vista havermos de nos demorar com ela. Pensaremos já que o não é tanto como parece. E desde já repetirei que as verdades de Monsieur de La Palisse são tão facilmente esquecidas como aceites. A segunda afirmação pretenderia ser uma definição... se todos estivessemos de acôrdo em que uma definição é principalmente uma esquematização provisória e cômoda. A minha definição é incompleta... e não é original (o que talvez não seja essencial defeito quando se trate duma definição). Mas serve a pôr em foco uma verdade também vulgar, e em que, portanto, também mais ou menos todos poderemos estar de acôrdo. E é que na Obra de Arte, o mundo existe através da individualidade do Artista. Emprego aqui a palavra mundo como designação de tudo o que para nós existe. Consequentemente, tudo o que numa Obra de Arte existe — existe através da individualidade do Artista. A individualidade do Artista é, pois, essencial na Obra de Arte. Ora é em nome destas noções primárias que principiarei por criticar a nossa literatura vigente. Noto que o adjectivo empregado me sai com não sei que ironia. A culpa não é minha. Passemos adiante: Dentre os cultores dessa literatura, salientarei dois em parte excepcionais: Aquilino Ribeiro e Raul Brandão. Se a única finalidade da Arte é produzir em nós uma comoção muito especial — a comoção estética, Raul Brandão e Aquilino Ribeiro são Artistas pelo desinteresse da sua Arte: ao menos nos seus primeiros livros, porque os primeiros livros dos nossos escritores são quasi sempre os melhores. A *Via-Sinuosa*, as *Terras do Demo*, ou essa bela página de *A Pele do Bombo*, não abdicam da sua finalidade artística em favor de qualquer fé política, de qualquer preocupação de partido, de qualquer doutrinação religiosa, de qualquer ambição nacionalista, de qualquer constrangimento social. Igualmente *A Farça*, as *Memórias dum Palhaço*, ou *Humus*. Quer isto dizer que as preocupações de ordem política, religiosa, patriótica, social, ética — não de, forçosamente, ser banidas da Obra de Arte? De modo nenhum. E quem dirá que tais preocupações são banidas da Obra dum Dostoyevsky ou dum Ibsen, dum Strindberg ou dum Pirandello, dum Gide ou dum Shaw, dum Claudel ou dum Gorky, dum

Antero ou dum Tagore? O Artista é homem, e é na sua humanidade que a Arte aprofunda raízes. As Obras de Arte mais completas podem ser, mesmo, aquelas em que mais complexamente se agitam todas as preocupações de que o homem é vítima... gloriosa vítima. E a paixão política, a paixão patriótica, a paixão religiosa, como a paixão por uma ideia ou por um ser humano — podem inspirar grandes e puras Obras de Arte. Mas... entendamo-nos: O que então inspira a Obra de Arte — é a paixão; e uma paixão considerada infamante ou uma paixão considerada nobre — podem da mesma forma inspirar Obras elevadas sob o ponto de vista que nos interessa: estético. O ideal do Artista nada tem com o do moralista, do patriota, do crente, ou do cidadão: Quando sejam profundos e quando se tenham moldado a uma certa individualidade, tanto o que se chama um vício como o que se chama uma virtude podem igualmente ser poderosos agentes da criação artística: podem ser elementos de vida duma Obra. Não sei se deveria ser assim — mas é assim. Consulte quem quiser a história da literatura de qualquer povo. Já pressentimos, pois, como as preocupações, os interesses, as investigações de ordem política, religiosa, moral, ou social, entram na Obra de Arte: E' simplesmente como excitantes, como agentes, como motivos, como pretextos mais ou menos conscientemente considerados pretextos. A finalidade da Obra será, consciente ou inconscientemente, a finalidade estética. Tudo o que faz um homem entrará na sua Obra, e tanto mais quanto mais profunda e sincera for essa Obra: mas se o homem é um Artista, a sua Arte será a única e verdadeira solução da sua Obra. Eis como encarando uma Obra de Arte sob o ponto de vista moral, social, patriótico ou religioso — certos nossos pseudo-críticos literários só demonstram o seu pouco interesse pela Arte. O que não obsta a que se demonstrem bons cidadãos, óptimos patriotas, inflexíveis crentes, zelosos guardas da moralidade. E', decerto, em nome destas apreciáveis qualidades, que a maioria dos nossos críticos condena os melhores livros da nossa literatura contemporânea. E já nem falo da incompreensão a que está condenada a Arte tão pura, tão requintada, e tão viva dum António Botto. Há meia dúzia de nomes que estudarei em outro lugar. Voltamos a Aquilino e a Raul Brandão: Aquilino é um prosador vigoroso, um estilista notável, um observador, mas... não tem «ideal» (!!) Como se estas qualidades artísticas, a verificarem-se num escritor, não de-

monstrassem que o Artista tem um ideal! Raul Brandão é um visionário do grotesco, possui um modo próprio de exprimir e sentir, é um psicólogo fragmentário mas audaz e lícido... Só é lamentável que a sua Obra não assente numa construção ética, não persiga uma direcção social, seja «romântica» e «mórbida». Como se estas acusações pudessem condenar uma Obra em que se verifiquem as características primeiro indicadas! Antes de mais, acuso pois os críticos portugueses de encararem um livro — que é uma Obra de Arte — não pelo seu aspecto artístico: não por aquilo que nêle interessa como Obra de Arte: mas pelos seus aspectos accidentais, e segundo finalidades que lhe são alheias. Suponhamos que um médico estuda uma doença, faz sobre ela descobertas definitivas, e publica um livro em que participa ao mundo das sciências os resultados a que chegou. Suponhamos que um literato pega no livro, lê uma página, e comenta: «Este homem é muito pobre de imagens!» Os nossos críticos literários (salvo sempre as raras excepções) fazem a mesma ridícula figura quando comentam uma Obra literária. E se não cito nomes, é porque elles se citam elles próprios. Não será, pois, em nome de preocupa-

ções alheias á Arte, que louvarei ou censurarei (sejam os atrevidos e sinceros!) os maiores da nossa literatura oficial. Pelo contrário: Acuso aqui os nossos críticos de se não interessarem pelas Obras de Arte que pretendem criticar. Porque, para elles, — e assim insistimos numa das nossas primeiras noções — parece que a literatura não é Arte como a pintura, a dança, a escultura, a música... E dir-se hia que elles exigem tudo da literatura — a morigeração dos costumes; a formação do carácter; a solidificação das convenções sociais; o robustecimento da raça; a certificação do dogma da Imaculada; a extirpação da hidra jesuitica; a defesa do feminismo; o progresso da Associação dos Scotese; a propaganda da república, da monarquia, do anarquismo, do socialismo, do bolchevismo, do óleo de ricino, dos pós de Keating, do calçado Atlas, das calças largas, dos milagres de Fátima, ou das predilecções particulares de cada um — tudo, menos o que se deve exigir á literatura, como á pintura, á dança, á escultura, ao cinema, á arquitectura, á música: satisfação á nossa necessidade de emoções estéticas. No entanto, essa necessidade é profunda, eterna e ampla. Corresponde a um instinto. Vem-nos do habitante das cavernas!

C ontinuação e as lunetas dos nossos artistas

O ra o mais curioso é que não são já só os críticos a desvirtuarem dêste modo a criação artistica. São também os próprios criadores — os artistas. Dir-se hia que produzir Arte lhes parece uma razão insuficiente; e não compreendem que um livro não precise obedecer a finalidades morais, sociais, religiosas, para que levante problemas de ordem moral, social, religiosa: Não vêem que êsses problemas redemoinham ao fundo de todas as obras-primas — pela simples razão da humanidade, da sinceridade e da complexidade dos seus criadores. Não sofrem que uma Obra de Arte possa erguer problemas de toda a ordem, sem, na verdade, visar a resolver senão um problema de ordem estética. Isto é: Ou não são Artistas, ou não tem a bela coragem de sê-lo, ou são muito mais qualquer outra coisa do que Artistas. Não cito nomes, porque elles se citam elles próprios. E salvo sempre as raras excepções. Eis porque em Portugal se faz tanta literatura... que não chega a ser Arte. Porque reabilitar esta ou aquela figura histórica: discutir narrativamente qualquer tese; conservar a lingua ou exhibir os seus recursos; estadeiar erudição sob forma aprazível; satisfazer amavelmente o público e fornecer a Aillaud — nunca foram, nem são, nem serão razões estéticas. Com tais intuitos, só por um bem raro Acaso pode um livro ser uma verdadeira Obra de Arte: Só quando o seu Autor possua uma individualidade artistica profunda — capaz de re-

mediar por si só todas as inconsciências dele: So quando tenha génio. Então, o que êle é revelar-se há a despeito do que êle quis. Ou não fôsse a Arte uma *denúncia* implacável e subtil do individuo. Mas êstes génios menos inteligentes são raros. Geralmente, os grandes Artistas não se interessam senão pela revelação artistica da sua individualidade. Realisar a sua Arte é a sua única (ou, pelo menos, dominante) finalidade. Exactamente ao contrário da maioria dos nossos escritores: Revelar a sua personalidade não lhes interessa... porque a personalidade é neles tão pouco exigente! Por vezes, dir-se hia até que elles remoeem contra a Arte uma espécie de hostilidade aterrada e sinuosa... E' que se não sabem, pressentem que a Arte é uma *denúncia* implacável e subtil do individuo: da sua superioridade, da sua mediocridade, da sua inferioridade. Denúncia implacável, subtil, e insofismável. O que não obsta a que tentem sofismar a questão: E assim chamam Arte ás suas (dêles) minuciosidades de prosa... ou verso; aos seus desenhos de missanga; aos seus plagiozinhos mais ou menos conscientes, mais ou menos inconscientes; aos seus pastiches de velhos ou novíssimos formalismos de escola; aos seus trucs, habilidades e talentos — tão fáceis de aprender e manejar. E não vêem como assim se denunciam! Reencontrando — porque não dizê-lo? — êsses mesmos trucs, habilidades e talentos em alguns

grandes Artistas de qualquer época, e sobretudo da nossa, julgam que neles e nos Grandes tais habilidades, trucs, e talentos têm a mesma significação. Não vêem (em parte porque ninguém lho diz) como êsses trucs, habilidades e talentos são nêles um processo de esconder o seu vazio, e uma demonstraçãozinha das suas *qualidades literárias*; e são nos grandes Artistas a que aludimos um meio indirecto de expressão, um cansaço das efusões fáceis, um tédio ou um pudor da confissão

pronta, uma ironia para consigo próprio ou para com o público, um gosto, talvez perverso, da complicação e do disfarce, uma dissimulação torturada, uma procura de outros caminhos. . . — muita coisa, em suma, exceto um processo de se escrever sem se ter o quê. Tudo depende de se ter ou não ter uma individualidade (*to be or not to be*), e, conseqüentemente, um processo próprio de revelação, ou um uzo próprio de processos já usados.

Continuação ■ e ■ desenvolvimento. Ainda ■ Aquilino ■ Ribeiro ■ e ■ Raul ■ Brandão. Os ■ de ■ segundo ■ ■ plano. Os ■ poetas ■ ■

Dizendo atraz que a Arte é uma re-criação individual do mundo, visei sobretudo a pôr em relêvo êstes dois essenciais elementos de toda a criação artística: O individuo e aquilo a que chamamos a realidade. Se da realidade nada possuímos senão os dados dos nossos sentidos e da nossa experiência interior, segue-se que é dos dados que a nós próprios fornecemos que depende a nossa valorização do Universo. O mundo valerá o que nós valermos. Quero eu dizer, porque estou a falar dos Artistas: Na Obra de Arte, o mundo valerá o quê valer o Artista. E nela, as coisas não são o que são: são o como são. Isto é: são — o que são através do Artista. O Artista fornece o como. Houve um grande santo, grande homem além de grande santo, que disse: «Para um coração puro, tudo é puro». O que quer dizer, no nosso caso, isto que venho dizendo e desenvolvendo: que a vida, a natureza, a realidade, o homem — valerão na Obra de Arte o que valer a personalidade artística que os refleta. Falando-se dum Artista, personalidade é a maneira própria, original, dum individuo *exprimir* acções e reacções próprias, originais. E' neste sentido que é verdade o estilo ser o homem. E eu repito aqui o aforismo, alargando a palavra *estilo* até a fazer sinónimo de *individualidade artística*. Individualidade artística, ou estilo, será pois a maneira pessoal, característica, espontânea, *fatal*, dum Artista conceber e realizar. É a sua individualidade artística será, por assim dizer, uma *resultante estética* da sua humanidade: da sua individualidade de homem: da maneira involuntária por que os seus nervos, a sua inteligência, a sua imaginação, o seu «coração» (diria o santo) apreendem a vida. Assim chego aonde queria chegar: *Nenhum Artista notável pode deixar de ser um homem notável*. E' claro que me não refiro, ao menos exclusivamente, á notabilidade dos ídolos sociais. Refiro-me á posse dessas qualidades *notáveis* (quantas vezes não *notadas*!) que fazem com que um homem *se distinga* dos outros. Curiosidade sempre inquieta, ou obsecção mística duma interpretação, duma opinião, dum dogma; capacidade de com-

preensão, ou faculdade de interpretação própria; independência de toda a espécie de convenções, ou submissão completa, lírica, voluntária, a uma ordem já mais ou menos involuntariamente aceite pelo temperamento; ância de renovação, ou exploração aprofundadora dos limites fixados — eis algumas das qualidades que podem fazer um homem notável; e que fazem os Artistas notáveis, quando a elas se junte a faculdade da expressão estética.

Leitor extremamente gentil! Peço-te agora que te sentes diante de mim, á mesa onde tenho os livros não só dos nossos consagrados contemporâneos, como dos mais cotados candidatos á consagração. E atrevo-me a perguntar-te: Qual é destes livros o que não podia ser escrito sem a personalidade do seu autor ser notável? Eu sei: O meu atencioso interlocutor vai tornar: «Aquilino Ribeiro, Raul Brandão. . .» E eu de condescender: «Sim, amigo. Como já disse, também penso que Raul Brandão e Aquilino têm pedaços vivos: Os que nascem do que há de mais profundo na sua verdadeira personalidade. De Aquilino ficarão muitas páginas brutais, violentas, dramáticas, ou pitorescas — anti-literárias e anti-retóricas no sentido pejorativo dos adjectivos literário e retórico. O resto . . . é *escola regionalista*; é prurido anatoleano; é erudição ou divagação inoportuna; é *treino* de escrever; é *talento* adquirido de descrever sem *ver* nem *fazer ver*; é literatização pouco feliz da linguagem extraordinariamente criadora do povo; é conhecimento da língua e pedantismo desse conhecimento; é veleidade de inventar termos; é vaidade de introduzir latinismos, francezismos, arcaísmos, provincianismos; é retórica pela retórica; é literatura fradesca; é *literatura livresca*! Tenho respeito pelo trabalho insistente, pelo esforço pouco vulgar que essa literatura representa. Mas não tenho admiração artística por ela. Aquilino tem ainda mocidade e talento natural para não escorregar a esta *literatura de literato*: coisa deliciosa para certo público de pantufas, manta nos joelhos, copo de leite á mão, e coração cheio de zelo contra tudo o que é diferente, inquietante, novo. . . e demasiadamente superior. Bem

sei que por obra e graça dos belos instintos rudes de Aquilino, os seus livros não eram para este público. Mas há já tanta coisa nos seus livros que este público saboreia...! As nossas casas editoras, o nosso grande público, os nossos críticos (salvo sempre as raras exceções) teem um particular interesse, um interesse quasi pessoal, em encarregar os Artistas para o *bom caminho*. Só poderiam ser louváveis estas intenções filantrópicas, se elles não chamassem bom caminho... ao da sua mediocridade. Assim, ai dos Artistas doentes a quem elles vão deixar cartões de visita! Cêdo os verão instalados á cabeceira da cama. E a trôco de não sei que prato de lentilhas, dar-lhes hão o que um Artista tem de mais precioso: A sua virilidade, a sua independência — a sua Alegria de criar.

Se de Aquilino passarmos a Raul Brandão, veremos esboçar-se o mesmo fenómeno: E' na primeira *História dum Palhaço*, na *Farça*, e no *Húmulo*, que o temperamento originalissimo do escritor se revela. E são destes livros as paginas que elle deixa para a eternidade. Junto-lhes *O Doído e a Morte* — que é uma afirmação de génio. Tudo quanto Raul Brandão é — e o é sinceramente, profundamente, espontaneamente e virginalmente — está nestes livros exasperados de grotesco e dramático. A nossa literatura tão pobre de imaginação psicológica tem nêles algumas paginas únicas de introspecção. Depois... há o êxito. Os nossos escritores parecem não querer compreender que o successo que vem tarde é o mais compreensivo e o mais justo: porque geralmente, resulta duma lenta imposição das *élites* ás multidões. Não querendo compreender isto — não compreendem (ou fingem não compreender) que o melhor meio de merecerem tal successo é conservarem e alargarem as suas mais espontâneas, caracteristicas: as suas características superiores: as que exactamente por serem superiores, só tarde foram compreendidas ou aceites. Eis como o successo parece arrastar os nossos Artistas numa rampa de pequeninas hipocrisias, de pequeninas cobardias, de pequeninas condescendências... que veem a ser a morte do que elles tinham de *inovação*: isto é: de mais vivo, de mais próprio, de mais *suo*: de inimitável. Já compreendeste, caro leitor, que estou a pensar em alguns dos últimos livros de Raul Brandão. E agora, advinho que me perguntas: «Mas não exiges tu dos nossos escritores... que se repitam?!» Não, leitor carissimo. E no próximo parágrafo te direi porque não.

Se de Aquilino ou Raul Brandão passarmos aos seus discípulos — o caso só pode apparecer mais feio: Consciente ou inconscientemente, estes imitar-lhes hão os defeitos e as qualidades. Mas as reais qualidades de Raul Brandão e Aquilino reaparecerão caricaturadas ou munificadas nos seus imitadores. E os defeitos não só reaparecerão agravados, como, o que ainda é pior, despidos de qualquer poder expressionista que certos defeitos originaes possam sugerir. Outros escritores nossos há, afastados de Raul Brandão ou Aquilino, que vários grupos mais ou menos arrastados por interesses alheios á Arte elevam á categoria de Mestres. Basta-me citar os nomes de Manuel Ribeiro e Antero de Figueiredo. Ora vincando em Raul

Brandão e Aquilino deficiências não só características dêles mas de quasi toda a nossa literatura — eu pensei que é preferível atacar os maiores. Se de Aquilino e Raul Brandão descermos aos escritores de segundo plano... o caso só pode ser mais evidente, embora menos impressionante como exemplo. Então se verá em plena luz (Oh! sei bem que nem todas as retinas a aceitarão!) como grande parte da nossa literatura contemporânea é pobre: pobre de personalidade; de humanidade; de universalidade; de força íntima; e de correspondência com o nosso século! Porque nós, leitor, estamos num século torturado, forte e riquissimo. Já não é com arabescos inúteis; com beneditinos cuidados em fazer... prosa; com virtuosismos, habilidades, e plataformas meramente *literárias*; com ensaiosinhos purissimamente superficiais e formalistas de escola; ou com beliscaduras e rapapés ás crenças politicas, religiosas, patrióticas e morais de quem lê — que se tem direito á admiração dos outros! que se pode ser considerado Artista!

Só tenho falado de prosadores. E poderia também falar de poetas — embora elles ainda sejam o melhor da nossa literatura. Poderia dizer como Lopes Vieira era um poeta delicado e forte, verdadeiramente português, antes da vaga nacionalista lhe ter incutido o *propósito de ser português*; antes de certo meio o ter effeminado, a ponto de elle quasi conseguir parodiar a sua própria graça tão pessoal; e antes de se pôr a *adaptar* clássicos — o que, sob o ponto de vista artistico, não representa senão impotência de criar; além de certa incompreensão ou desrespeito das obras e das épocas.

Poderia dizer como Pascoais é grande, quando simplesmente escuta o seu génio: quando se não propõe chefiar uma escola, ou *demonstrar e expôr* o Saudosismo fazendo versos. Poderia dizer como Eugénio de Castro ergueu uma obra independente, quando publicava livros que se não vendiam; quando era um poeta... «futurista»: isto é: mais confiante nos juizos do futuro, que nos da morna banalidade que o cercava.

Poderia dizer como Correia de Oliveira tem frescura, emoção, e naturalidade — quando se não condena a publicar folhetos em série. Quando o assunto, o plano, a seriação dos seus livros não são demasiado anticipadamente traçados.

Poderia dizer como tantos nossos jovens poetas fatalmente espontam as próprias azas, pela sua absurda, timorata e pouco moça inclinação a preferirem a sombra do tecto alheio á do seu.

E tendo, assim, condenado a parte menos viva da Obra dos nossos poetas — poderia fazer o que esboçarei a propósito de Aquilino ou Raul Brandão. Isto é: Dizer como até na parte mais viva da sua Obra, os nossos poetas — ai de nós! — se recusam a acompanhar o enriquecimento da intelligência e da sensibilidade na Arte moderna e o desenvolvimento de personalidade que essa Arte gerada na dor, no sonho, na inquietação, na alegria da luta, favorece. Mas acabo de tocar um ponto essencial: Porque o poder de eternidade duma Obra depende sobretudo dessa riqueza de sensibilidade, de intelligência, de personalidade, digamos tudo: de humanidade. Passemos, pois, ao parágrafo seguinte.

C

ontinuação. Elucidações.
A ■ personalidade ■ e
■ a ■ inteligência ■ na
■ nossa ■ literatura.
■ Hoje ■ e ■ Sempre ■

Evou responder-te agora, amabilíssimo leitor! Do meu parágrafo antecedente, poder-se há supôr que faço o elogio de qualidades que reputo más, e... também características da nossa literatura. Pretendendo que Raul Brandão ou Aquilino decaíram por se não manterem os dos seus primeiros livros — de modo nenhum quero afirmar que eles se deveriam imobilizar, estarrecer, mecanizar na sua maneira. Pelo contrário: Penso que repetir-se indica estreiteza de personalidade; comodismo; cansaço; ou velhice precoce que tenta esconder-se, continuando a usar a *letra* do que já não vive como *espírito*. Ora justamente repetir-se parece-me até um dos males de muitos dos nossos melhores Artistas. Por exemplo: De Raul Brandão. O que um Artista deve manter contra tudo e contra todos — é a força do seu temperamento, a sua capacidade própria de interpretação, a sinceridade profunda da sua Arte, a sua personalidade original. Mas em Arte, e sobretudo hoje, não basta ter-se uma personalidade: E' preciso ter-se uma personalidade que *interesse* continuamente. Isto é: que tenha a possibilidade e a ância de se renovar, de se ampliar, de se enriquecer, de se aprofundar. Quando não, basta que um escritor escreva um livro... de resto dispensável: Aquêlê em que se revela a sua pequena personalidade. Porque escrever outros livros, se nada mais tem a dizer-nos? Ora pequena personalidade — todos a teem. E nós, leitor, estamos num século torturado, forte, e riquíssimo: Um século que só não repele os que teem coisas a dizer-lhe; e emquanto as teem. Eis como para se erguer, hoje, uma Obra que esteja á altura do nosso século, não basta que um Artista como Aquilino saiba redigir poderosamente certas scenas dramáticas; ou pintar instintos primários. Não basta, mesmo, que um Artista como Raul Brandão visionie fantásticamente certos ambientes; seja ventríloco dos seus tipos grotescos; e tenha a intuição da vida interior. Aquilino Ribeiro e Raul Brandão — referindo-me a êstes refiro-me a todos os outros — falham de intellectualidade que os complete: que prolongue a sua sensibilidade, e lhes dê probabilidades de desdobramento. Mais dô que nunca, hoje, toda a Obra de Arte superior revela não só um temperamento superior como uma inteligência superior. Bem sei que também é de hoje um interesse muito vivo pelas manifestações mais primitivas da Arte. E quem o não compreenderá — sabendo que êsse interesse revela sobretudo um fastio de todo o virtuosismo ou academicismo ôco; um desejo de reencontrar as fontes virgens da criação artística; e uma reacção sobre todos os dogmas, perrucas e ensinanças dos

Mestres oficiais...? Além de que há infantilidades de génio. Isto é: Obras em que uma grande inteligência se manifesta instintivamente. E por mais simples e nuas que pareçam tais Obras — são sempre mais ricas do que parecem. Ora se por vezes Raul Brandão pressente esta Arte — e é porventura então que êle é maior — breve se distancia pela falta de espontaneidade, pela corrupção *literária* que nêle se tem vindo acentuando. Dos outros, é inútil falar. E regresso após êste parentesis necessário ao ponto em que estava afirmando que toda a Obra de Arte superior revela, hoje, não só um temperamento superior como uma inteligência superior. Porque das manifestações artísticas primitivas que interessam o nosso século, se pode sustentar: Primeiro: Que embora influenciando poderosa e salutarmente o nosso século, elas não são, propriamente, dêle. Segundo: que só são dêle na medida em que revelam uma grande *inteligência*: embora instintiva; ou embora dessas que os de dentro da cidade chamam bárbaras — porque *repelem os processos usuais de se ser inteligente*. E penso no pintor Rousseau. Ora nada ou pouquíssimo de semelhante aparecendo em Aquilino, Raul Brandão, e outros — eu tenho de lhes exigir uma inteligência de homens civilizados; modernos. E tenho de exigir às suas obras complicações, subtilidade, profundidade, *nuance*, análise, síntese. Tenho de lhes pedir riqueza de mentalidade e sensibilidade: Porque no nosso século, compreende-se Dostoyevsky, Ibsen, ou Strindberg. E produz-se Gide, Shaw, Pirandello; Proust. O meu leitor vai sorrir-se... por eu exigir tanto dos nossos escritores. O teu sorriso, leitor gentil, cai sobre a tua própria pátria como um pessimismo. Estará Portugal condenado a nunca poder suportar confrontos? Não o quero crêr. Mas que assim fôsse?! Deixa-me dizer-te que nunca admirei os que só teem um olho — pelo facto de os rodearem cegos dos dois. E descendo já das alturas; limitando-me já a não confrontar; afastando já os nomes que pesam de mais: Quem não vê em Portugal a estreiteza de personalidade dos nossos mais lidos escritores? Apetece gritar — «Quem não vê...?» E a verdade é que parece que não. Pois bem. Eu insisto: Tendo acusado os nossos Artistas de se deixarem corromper, amolentar, degradar naquilo mesmo que tinham de mais próprio, de mais pessoal e humano, acuso-os ainda de estreiteza de personalidade na própria parte mais viva da sua obra. Acuso-os de não terem possibilidades de alargamento, de renovação e de enriquecimento — ou de terem esterilizado essas possibilidades pela sufocação do meio que se criam; pelo seu espantoso desconhecimento da Arte moderna; pela sua

manifesta ou esconsa hostilidade contra todas as ousadias — até as mais fecundas. Em suma: por um apêgo caturra, egoísta e despeitado a uma série de preconceitos verdadeiramente risíveis. O mais provável, porém, é que esta aceitação dum meio medíocre, esta incrível falta de curiosidade pela Arte da sua própria época, este medo senil de toda a novidade, de toda a mocidade, de toda a independência, de todo o espírito criador — sejam simultaneamente causas e efeitos. Parece que em Portugal é caso raríssimo, se não peri-

goso, um Artista inteligente! Inteligente quer no sentido bergsonista, quer no anti-bergsonista. Ora se quer atingindo o Conhecimento pela intuição, quer pelo exercício da análise, o século em que estamos é um século inteligente, já não é só para que pertença ao nosso século, isto é: para que tenha um valor de *actualidade* — que se requer da nossa literatura contemporânea... o que ela geralmente nos nega. Não! E' sobretudo para que tenha condições de *eternidade*.

E logio ■ do ■ século ■ em ■ que ■ estamos ■ séc. XX ■

Médium de génio, Rimbaud dá voz, música e ritmo ao Inconsciente. Ouve os seus Demónios, e desperta os nossos. Torturado pelas suas incapacidades de realização, Mallarmé consegue valorizar todas as incapacidades. Baudelaire complica os homens, exhibe-lhes a verdade terrível, apregoa-lhes álcoes, ópios, venenos e fugas com que a escondam. Entretanto, sobre cenários novos, Nijinsky vai dançar! Imponderável como um sonho. Strindberg ou Ibsen alargam os palcos, sobem os panos, fazem nascer água das rochas pintadas... E vê-se nas suas peças-poemas o Homem batalhar com a Verdade, o Espanto, o Mistério, a Fatalidade, o Sonho. Ao lado do Homem, na parede, a sua sombra é maior do que ele! Shakespeare do nosso século, Dante da nossa idade, pélagos e sonda de todos os pélagos, então se evoca Dostofevsky. Mais do que Dante, ele é o Homem que desceu aos infernos. E subiu ao Monte Sinai como Moisés. A entrada do nosso século, a sua grandeza esmaga-nos! porque nos alumia todos os caminhos... Olha os carreirinhos de formigas e as suas tocas! E é Nietzsche quem proclama a sua grandeza. Nietzsche, doido visionário e lúcido, alevantando contra essa formidável fonte de piedade o seu Gigante Super-Homem...

Depois, entra a fanfarra dos *ismos*! O Futurismo exige a liberdade das palavras! proclama a pintura simultânea! magnificia o lirismo da força, da saúde brutal, da alegria animal, da velocidade, do sol! O cubismo descobre novas harmonias de cores, novas arquitecturas de linhas, novos jogos de volumes — re-faz o mundo pela cabeça dos cubistas! O expressionismo desencadeia sobre a natureza todos os sonhos, febres, âncias e tormentas do homem interior. O Dadaísmo declara desprezar a Arte, reduzindo-a à revelação espontânea do homem primitivo. O ultra-realismo afasta toda a realidade realista! Mas as teorias sucedem-se, combatem-se, negam-se, aniquilam-se, satirizam-se — nascem num dia, morrem num mez... Todas as construções dogmáticas, todas as afirmações

generalizadoras ruem. Ficam alguns achados fecundos, algumas obras que ultrapassam o interesse duma escola — e a decidida repulsa de todos os fauteuils demasiado cómodos, demasiado moles — sempre no mesmo sitio. Rimbaud, Mallarmé, Baudelaire, Rodin, Strindberg, Wilde, Ibsen, Dostofevsky, Cézanne — já valem mais que todas as teorias! Valem pelo que valem. — O nosso século compreende o seu próprio individualismo! Compreende que cada Artista é um poço e um espelho da Verdade. Da revoadas de quantas escolas pretenderam *descobrir* a Arte, ficam de pé alguns nomes: Como bandeiras! como lanças! E' Appolinaire, é Max Jacob, é Jean Cocteau. E' Picasso, cujo cubismo é apenas uma das suas muitas *maneiras* de se sentir Pintor. E' Marinetti, com as suas páginas vertiginicas, a sua febre americana, o seu teatro sintético. E' Grosz, infinitamente superior ao seu expressionismo dos outros. E' Reverdy, Poeta muito puro no meio da multidão demasiado ululante. E' Vlaminck, pintando paisagens como escrevendo dramas com árvores, ceus e casas. E' através destes, quasi a par da capela de Mallarmé, dos subterrâneos de Baudelaire, ou do exílio de Cézanne — desenterra-se o hospital onde Van Gogh, nos intervalos da loucura, se encarnicava a pintar flôres delirantes como sóis; o teto onde Emile Rousseau, genialmente infantil, re-descobria verdades eternas; ou a taberna onde Utrillo vendia os seus quadros por vinho. As teorias desaparecem atrás das obras. Rouault...! — Místico feroz de prostitutas e Cristos. Chagall...! — violador mágico das leis da gravidade. Claudel...! — poeta católico cheio de sinceridade e pecado. Então, os que insistiram na minha sombra da sua independência são de repente aclamados pelas trombetas: Como um grande palácio que se ilumina, a Obra dum Marcel Proust desenrola os seus tesouros! Doente, fechado no seu quarto que se não abria, o escritor escreve em folhas que segura na mão... Assim a magnífica e vã parada dos salões, as aracnídeas complicações da paixão, os milagres da memória involuntária, as batalhas terríveis

e minúsculas da vaidade, as desforras do sub-consciente, as maquinações do ciúme, o corroer do desejo e do vício, a cruz das mentiras necessárias — nos revelam de novo — de novo sempre que surge um novo grande Artista — o Homem correndo atrás do prazer, do desencanto e da vida. A par de Marcel Proust, André Gide parece pequeno: Crítico traído pelo poder criador, criador traído pelo demónio crítico, Gide prolonga, continua, desenvolve, complica, desfaz, contrafaz, refaz — uma Obra que finalmente se nos impõe! Assimilador de génio, êle próprio se nos desvenda caixa de muitas ressonâncias... Sonho de ser tudo o que não é — por ser um pouco de tudo sem nada ser completamente... senão êle! Porque da sua Obra, é êle que fica. Isto é: o seu espírito perverso, torturado, labirintico e feminino — no altíssimo grau vedado às mulheres... Depois, Pirandello: Poeta de idéas que se fazem carne! Malabarista esfomeado de Absoluto, arrastando os homens à compreensão irónica de todos

os seus relativismos. Ou Shaw, Narciso sarcasta e lírico. Violador de falsas honestidades — escrevendo sátiras sobre os cenários convencionais... Ou Freud, que revolucionou a psicologia, a psiquiatria, a crítica; (Depois de Bergson ter revolucionado a filosofia) que nos denunciou (ó Rimbaud!) estudou, e explora este mar de vida obscura, este abismo que nós trazemos dentro de nós, esta estância dos Fados — o Sub-Consciente! E tu, Chaplin, Mestre de todos os poetas modernos! Boneco mais vivo que todos os homens vivos que tu manejas... como bonecos. Que tu sabes como se maneja. Escamoteador único duma moeda única — a tua! aquela em que já não estão em lados opostos os dois lados opostos da vida...

E reagindo sobre as estilizações de Nijinsky, refrescando a saturação das inteligências, vinda do fundo da terra, da animalidade e do tempo, Josefina Baker passa dançando — como um vento quente cujo fim é passar.

POST - SCRIPTUM

O arrazoado lírico do precedente parágrafo não tem por fim, caro leitor, fornecer-te um exemplar do meu estilo apolo-gético. Tem por fim completar as noções que intentei dar-te. Não é verdade que eu intentei dar-te algumas noções (que tu dispensas) sobre Literatura Livresca e Literatura Viva? Caro leitor: Tudo o que aí fica não é senão um excitante a

q u e t u p e n s e s é j u l g u e s .

José Régio.